**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 3° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOB A ÉGIDE DA TEATRALIZAÇÃO**

Adriele Xavier Pereira/ PIBID/UPE [[1]](#footnote-1)

Jennifer kalyne dos Santos Soares/ PIBID/UPE[[2]](#footnote-2)

Maria de Fátima Gomes da Cruz (Coordenadora/ Orientadora)/ PIBID/UPE[[3]](#footnote-3)

Elisabete Correia da Silva (Supervisora)/ PIBID/UPE[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

Este artigo trata dos resultados do projeto realizado em uma escola pública do município de Carpina, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-Pibid, subprojeto de Pedagogia da Universidade de Pernambuco-*Campus* Mata Norte. Quanto aos procedimentos metodológicos, fez-se opção por entrevistas, observação e oficinas. Os resultados apontaram para aulas enriquecidas pela teatralização como ferramenta lúdica de ensino, trazendo inovação e sucesso quanto às trocas afetivas, de conhecimentos e habilidades.

Palavras Chave: Educação; Teatro; Ludicidade; Aprendizagem Significativa.

**INTRODUÇÃO**

O discurso da necessidade de formar crianças críticas, autônomas e atuantes é muito pertinente na atualidade. Logo, alguns autores propõem a utilização do teatro dentro de uma perspectiva formativa no processo de ensino-aprendizagem como uma proposta interdisciplinar. Que contribui para formação integral do indivíduo, mediante as vivências de dramatização e jogos teatrais num contexto educacional, por meio da cooperação e colaboração mútua; em busca do que defende Patricia Limaverde (2015, p.183) sobre ‘’promover o aprendizado de forma mais significativa e integralizadora do ser humano, interligando o fazer, o sentir e o pensar, corpo, sentimento e pensamento’’.

Dessa forma, a inovação tão almejada no ensino parte de uma visão holística do contexto e realidade que o ser está inserido, comungando com o desejo de uma

formação que possibilite significância na aprendizagem, não só formar epistemologicamente nas especificidades da ciência; mas também, abusar do lúdico para proporcionar aos indivíduos prazer na aprendizagem.

Então, amparando-se no pensamento de Cavassin sobre a importância do teatro:

“O teatro, assim, pode ser a brecha que se abre na nova perspectiva da ciência e ensino aprendizagem, pois envolve essencialmente o que o soberanismo da lógica clássica e do modelo racional excluía; o ilógico, as possibilidades (o ‘’vir a ser”), a intuição, a intersubjetivação, a criatividade... enfim, elementos existentes nas relações dessa manifestação artística e que são princípios para a concepção da inteligência na complexidade e vice-versa.” (CAVASSIN, 2008, p.48).

Levando em consideração esses aspectos, que vem fortalecer a concepção de teatro como expressão artística que estimula as relações interpessoais e intrapessoais; contribuindo assim, para as tais necessidade de formar indivíduos críticos, autônomos e atuantes sabendo lhe dar consigo e com o mundo.

Sendo assim, a pedagogia sob a égide da teatralização vem propor um ensino norteado por esses aspectos transdisciplinares, contribuintes para uma formação transcende ao modelo tradicional de ensino, almejando conquistar sucesso de forma mais integralizadora do ser humano, no sentir e no pensar, no fazer e no agir.

Assim como afirma Nicolescu (2001, p.148), “a inteligência assimila muito mais rapidamente e muito melhor os saberes quando estes saberes são compreendidos também com o corpo e os sentimentos”.

**METODOLOGIA**

Para este estudo optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa. Para a coleta de dados fez-se uso de entrevistas, observações e oficinas de teatralização. Para Ludkle e André (1986, p. 23) a abordagem qualitativa,

Envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizado mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Investiga os sujeitos a partir de sua cultura de sua história, de suas condições de trabalho, seus saberes e afazeres, sua subjetividade.

A pesquisa realizou-se numa turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Nazaré da Mata-Pernambuco. A turma era composta de 22 alunos, professor regente da turma, duas alunas estagiárias e uma supervisora do Programa Institucional de Bolsas à Iniciação Docente (PIBID), e, nesse sentido, todos foram os envolvidos nas ações de intervenção que motivadas pela teatralização das práticas escolares.

Por meio dos dados coletados na entrevista com o professor da turma, foi possível identificar qual o posicionamento do educador quanto às práticas teatrais como metodologia de ensino; em qual perspectiva o teatro era fundamentado nas ações que a escola realizava; e, refletir acerca de práticas teatrais inovadoras, possíveis para o reestabelecimento da atratividade no ensino em sala de aula. Usando assim a entrevista como forma de pesquisa e concordando com o que descreve Ludkle e André:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite que a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima , assim como temos natureza complexa e de escolhas nitidamente individual. (1986, p. 34)

Mediante a entrevista, a professora se mostrou neutra quanto a implementação do ensino do teatro nas práticas pedagógicas abordadas por ela e quanto a importância do teatro para formação dos alunos através da seguinte resposta: “Não costumo fazer nenhuma peça aqui na sala, os alunos são muito difíceis e prefiro me dedicar na alfabetização deles, muitos são repetentes e poucos sabem ler”. (Professora regente da turma).

A partir da resposta da professora foi possível constatar que não existia nenhuma prática teatral na sua metodologia de ensino, nem conscientização quanto os reflexos de tais práticas na formação dos alunos.

Em seguida, foram proporcionados diversos encontros para a efetivação das práticas e jogos teatrais na turma. Cada momento era apresentado técnicas, jogos, habilidades e linguagens do mundo teatral, juntamente com temas que regia cada encontro, por meio de oficinas.

Seguindo o pensamento de Spink,, Menegon e Medrado sobre oficinas:

Em linhas gerais, na perspectiva aqui defendida, as oficinas são configuradas como ferramentas ético-políticas privilegiadas, pois propiciam a criação de espaços dialógicos de trocas simbólicas e a coconstrução de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas, cujo efeitos não se limitam aos usos que os pesquisadores possam fazer desse material, mas também alertam para potenciais transformações nas práticas discursivas geradas naquele contexto, numa fusão inseparável entre o que se convencionou chamar de “coleta de informações e produção de informações”. (2018, p.33)

1. **O PAPEL DO TEATRO NA SALA DE AULA E NA ESCOLA**

Antes que se defenda e explane a importância do teatro num contexto educacional, a partir desta pesquisa é preciso analisar como que a maioria das escolas adere ao teatro nas suas ações diárias ou práticas educativas. Dessa forma, é possível perceber apresentações teatrais em dias específicos do calendário letivo como folclore, páscoa, festa junina, datas comemorativas. Logo, usam da teatralização como forma de entretenimento para a escola e exibição dos alunos através de uma dramatização pouco fundamentada, decorada, repetitiva, improdutiva.

Em algumas escolas, os professores dividem os personagens, ensaiam, preparam figurino, cenário, maquiagem, iluminação, na maioria dos casos vem acompanhada de um enorme marketing do “espetáculo” para maior visibilidade da escola e exposição dos alunos; usam da ludicidade e do deslumbramento da arte para chamar atenção do quão versátil é a instituição. Enquanto outras escolas, podem não ter a mesma estrutura para montar um “espetáculo” como este, porém, aderem ao teatro para fugir das atividades convencionais da rotina e também comemorar datas consideradas importantes.

No entanto, o problema está em como desenvolvem estas práticas. É preocupante quando desprezam a cultura presente na realidade social dos alunos, fazendo com que as peças teatrais sejam fundamentadas num contexto fictício e pouco representativo para os mesmos; consequentemente, é criada uma rejeição de sua identidade social, tendo-a como inferior e pouco importante, indo de contraponto ao que acreditava o grande teatrólogo e pedagogo brasileiro Augusto Boal (1998; 2005), defendido por Ferreira e Falkembach:

A arte produzida por um sujeito ou por determinado grupo está sempre, inevitavelmente, ligada às condições socioculturais e às conjunturas. Apreciar, contextualizar e refletir acerca da arte constitui sujeitos com maiores possibilidades de atuação política e crítica na (re)construção das realidades e contextos.( Ferreira e Falkembach 2012, p.13).

Além disso, o enquadramento em estereótipos faz com que muitos alunos sejam excluídos, por não se encaixarem no perfil do personagem, impossibilitando os tímidos, os gordos, negros, magros, baixos, altos, e os maus comportados de exercerem o papel de protagonistas da história.

Assim, o gordo continua a fazer o personagem do porquinho, o tímido continua sendo aquele que não fala na peça, o mais agressivo o papel do anão zangado, a menina branca e de longos cabelos, com certeza será a princesa encanta. Ou seja, em busca de fazer da teatralização um sucesso e perfeito espetáculo, o professor seleciona os talentosos e mesmo que inconscientemente reafirmam a ideia de segregação que gera o *bullying* que tanto é debatido na escola.

Como afirma FERREIRA; FALKEMBACH:

Isso acaba por acarretar uma visão equivocada da função da arte e do ensino do teatro, desvalorizando tanto processos criativos como o espaço de expressão das crianças, calcando esses eventos no exibicionismo e na espetacularização vazia de sentidos estéticos e de experiências, justamente por desconhecerem o potencial e as funções da arte na vida e nas relações de ensino-aprendizagem na formação de seus filhos. (2012, p. 13).

É importante a sensibilidade de enxergar o teatro como fonte de desenvolver aspectos fundamentais da criatividade, linguagens, expressão corporal, imaginação, noções estéticas e éticas, o corpo, a fala, o raciocínio, a emoção, ideias, conhecimentos, desenvolvimento e sentimentos como um novo e atraente espaço de criação dos alunos. É preciso desapegar dos costumes de repetição e cópias de metodologias tradicionais e tecnicistas, que prevalecem na maioria das escolas da atualidade, ir além de atividades plásticas que são feitas nas aulas de artes propostas por um componente comum curricular e adentrar em possibilidades transformadoras e eficazes através do trabalho com teatro na sala de aula e na escola.

**3.1 O TEATRO COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE ENSINO E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

É importante saber que os professores mesmo sem experiência teatral podem trazer o teatro para sala de aula, e esta pode ser uma vivência enriquecedora inesquecível para todos os que dela participarem. Não é preciso necessariamente que o professor apresente formação, graduação, ou doutorado para vivenciar práticas e jogos teatrais em sala de aula, claro que é plausível se o mesmo tem alguma formação, ele conseguirá ter mais autonomia e domínio sobre o quê e, como trabalhar com os seus alunos. Ferreira e, Falkembach afima que,

Uma das formas mais produtivas de apreensão dos códigos e dos procedimentos, que estão envolvidos na linguagem teatral, é experimentá-los na prática. Não há manuais escritos que ensinem a ser expectador e muito menos a fazer teatro. Vivenciando com seus corpos e ações o fazer teatral, potencializa-se e torna-se outra a relação como espectador das diversas linguagens cênicas (2012, p. 15).

Basta ao menos o professor ter ciência dos objetivos realizáveis que ele pode alcançar através do teatro; precisa também conhecer algumas manifestações artísticas referentes ao contexto social que deseja apresentar ao aluno, ou melhor, explorar as próprias manifestações culturais que representam a realidade diária dos alunos.

MARTINS acrescenta que:

Atualmente, muitos estudos são dedicados à compreensão do ensino teatral como potencializador do desenvolvimento na educação. O teatro pode ser utilizado nas escolas nos mais diversos níveis de ensino, e tem sido utilizado, abrindo espaço para discussão e estudos que procuram apontar como esta metodologia, pode se configurar em um objeto de estudo bastante rico (2013, p. 24).

O professor precisa se colocar como pesquisador e ser atento ao outro, se ver como intermediador de ações e buscar ampliar seu repertório para ter seu acervo para criação, transpassar as ideias de ser orientado somente por um projeto político-pedagógico e propor possibilidades de ações e novas perspectivas didáticas que possam somar com a gestão da escola, e contemplar os respectivos alunos afobados por novidades, cansados de exercícios tirados do quadro, de vinte minutos de intervalo.

Concordando e ansiando com o que declara Marinho (2007, p. 39) de que a educação deve caminhar:

Para a vida afetiva, intelectiva, corporal, social e espiritual do aluno, sem as divisões tão usadas nas escolas. Compreende-se hoje que educar não é apenas estar preparado para o mercado de trabalho e acumular informações e conhecimento. Pelo contrário, o mundo exige pessoas com uma visão ampla, o que engloba autoconhecimento, desejo de aprender, capacidade de tratar com o imprevisível e a mudança, capacidade de resolver problemas criativamente, aprender a vencer na vida sem derrotar os demais, aprender a gostar de progredir como pessoa total e crescer até o limite das possibilidades, que são infinitas.

Assim também precisa ser o teatro numa perspectiva educacional permite que o professor use da dramatização para explorar as personalidades na turma, contribuindo em um melhor relacionamento individual em sala de aula.

Fundir as experiências de letramento trazidas por eles e fazer com que se trabalhe a partir da concepção de mundo que eles têm, com o intuito de valorizar e exceder seus conhecimentos. As crianças formam suas experiências e opiniões a partir do que assiste na televisão, do seu acesso na internet, dos *outdoors,* das festas comunitárias, músicas, manifestações populares formando sua bagagem de conhecimentos empíricos povoando o imaginário e o cotidiano das crianças, instruindo em seu modo de ser e conviver no mundo.

Por meio dos jogos teatrais o professor pode conduzir situações para abordar a compreensão de regras, trabalho em grupo, cooperação, respeito e liberdade; é fundamental que nos momentos em que esteja desenvolvendo-se os jogos, oficinas ou dramatização o aluno se sinta livre e também pertencente a este mesmo ambiente; que seja propício para ele ser autor de sua própria atuação e participar ativamente dos discursos, cenas, debates, etc; sem ser conduzido por escolha feita pelo professor, mas ser instruído, tornar-se capaz de enxergar suas habilidades e opiniões, sem temer ser menosprezado, criticado negativamente, reprovado, nem ridicularizado pelo que ele representa ou acredita.

O objetivo de mesclar as implicações pedagógicas teatrais é também sair do hábito de atividades que estimulam a avaliação através da fala e da escrita, e adentrar na perspectiva de alunos que tenham autonomia, perceba a necessidade de dialogar para chegar a um fim comum, resolver mal-entendidos, ressaltar diferenças e semelhanças, explicar e exemplificar, apropriando-se de conhecimentos.

Assim como afirma MARTINS a seguir: ‘’Por esta razão, o teatro tem como capacidade libertar o aluno da opressão cultural e econômica ao que está submetido. O teatro como possibilidade metodológica de ensino abre infinitas possibilidades para uma mente menos opressiva.” (MARTINS, p. 24, 2013).

Nesta perspectiva, o teatro numa perspectiva educativa é uma forma de motivação para a aprendizagem de alunos que vivem numa apatia, desinteresse e preguiça com as formas e metodologias de ensino convencionais que são sujeitos a presenciar, juntamente com as péssimas estruturas oferecidas pela maioria das escolas públicas que não possui um ambiente favorável, nem agradáveis condições de estudo e lazer para os mesmos.

O teatro como meio de ensino traz ludicidade, desperta curiosidade, faz questionar e provocar respostas. Por isso a importância de um aluno curioso, sua participação é mais significativa. Imagina além de ensinar teatro, usá-lo como forma de motivação para adentrar em ensinos mais específicos, direcionado pelo professor sensível à necessidade de um aluno que se desenvolve de modo integral, através de incrementos extras que alcança às necessidades individuais. (MARTINS, 2013, P.33)

* 1. **A CONTRIBUIÇÃO E MEDIAÇÃO DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO TEATRO EM SALA DE AULA**

A partir de Vygotsky, acredita-se que a afetividade se manifestada na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Se o professor que comumente tem caráter sério, responsável, incorruptível se mostra sensível e disposto a levar em conta fatores socioculturais, históricos, psíquicos que refletem nas emoções e na personalidade de seus alunos, ele criará uma ligação, um vínculo afetivo com os mesmos; pois, os alunos não mais se enxergarão como objeto, e em casos, objetos inúteis, insignificantes.

Mas, passará a se sentir pertencente, como membro importante. No entanto, se o professor desce do pedestal de sua autoridade para olhar olho a olho com o aluno, o mesmo se ver na obrigação de corresponder a empatia e se faz aberto e passivo ao que o professor tem para oferecer-lhe quanto estudante. É uma troca de respeito, por que um acreditou primeiro. O professor precisa ser motivador das capacidades de seus alunos, papel que transpassa sua função educativa, mas que auxilia e é fundamental para o sucesso no seu objetivo que é a aprendizagem. Somando também ativamente na autoestima de indivíduos com realidades tão difíceis, fazendo deles fracassados e muitos chegam à escola por apenas obrigação e, ou se torna o caos da turma, ou é aquele aluno insociável. Para Martins (2013):

O impacto dessa concepção integradora do processo de ensino- aprendizagem sobre as formas do trabalho em sala de aula transforma as atividades mecânico-reprodutivas em processos relacionais, capazes de produzir emoções, que, por sua vez, produzem sentido do aprender. A prática educacional torna-se um processo dialógico em que todos participam opinando, construindo hipóteses e ousando pensar. (2013, p.33)

Vale ressaltar que para a incorporação das práticas e jogos teatrais em sala de aula, o professor não pode ser de caráter autoritário e repressor, pelo contrário, precisa estar apto a se fazer disponível, a aprender com as diversas habilidades artísticas de seus alunos, habilidades essas desconhecidas por serem abafadas pelas práticas tradicionais que limitam as capacidades das crianças em apenas hipócritas avaliações e notas, onde toda a escola gira em torno dessas metas. O teatro precisa ter esse caráter libertador, de recriar aquele aluno estigmatizado e permiti-lo se redesencobrir.

Pereira explicita:

Os conselhos, as críticas e reprovações, as humilhações, ameaças e a avaliação negativa são aspectos que facilmente podem funcionar como obstruções à motivação porque colocam a ênfase sobre um erro, uma insuficiência, sendo vistos como agressão por parte de quem os recebe. (PEREIRA, 2013, p.31)

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa a respeito da prática pedagógica sobre a égide da dramatização teatral vivenciada na turma do 3º ano dos anos iniciais permitiu uma maior compreensão das práticas tradicionais desenvolvidas no ambiente do ensino público.

A entrevista com a resposta da professora foi possível constatar que não existia nenhuma prática teatral na sua metodologia de ensino, nem uma conscientização quanto os reflexos de tais práticas na formação dos alunos. A turma de fato,numerosa e caracterizava-se pelo difícil comportamento e interação uns com os outros, sempre envolvida em brigas e discussões com a professora. O desnível de idade e no grau de alfabetização era bem gritante, realidade que incomodava no ensino e aprendizagem da maior parte da turma, segunda a professora, ela não conseguia atender a todos em suas diferentes dificuldades. Consequentemente, foram feitas rodas de conversas sobre a temática teatral conduzida diante das diversas experiências e opiniões dos alunos sobre o tema teatro. Foi unânime a quantidade de alunos que nunca foram ao teatro, mas, todos já descreveram ter presenciado alguma encenação ou peça.

Todos os encontros regidos por temas que abordavam: diversidade e respeito, *bullying*, cultura e leitura. Os jogos e práticas eram fundamentados nessas temáticas e permitiram um maior conhecimento dos conhecimentos empíricos dos alunos sobre essas questões; também sendo momento propício para construir novas concepções e reverter errôneas ideias sobre os temas. Após conhecer a opinião dos alunos sobre o teatro, foi desenhado um projeto com práticas que visavam oferecer uma básica instrução para desenvolver estímulos de suas formas de expressão.

No encontro seguinte iniciou-se um momento descontraído com música, dança e jogo de concentração; depois, a contação de história do livro “Pequeno grande” (Blandina Franco), que tratava de diversidade e aceitação junto com dinâmica que incentivava a imaginação a partir dos diversos desfechos da história que eles eram convidados a criar. Neste momento os alunos se mostraram empolgados pela dança e dinâmica e, consequentemente aceitaram a contação de história passivamente. Foi desafiador a interação dos mesmos com a conversa e questionamentos sobre as atividades feitas. De início a expressividade foi um empecilho para coleta de informações que consistia em conhecer os discursos e linguagem dos alunos.

Continuou-se, com a Exibição do longa “A menina que odiava livros” de Manjusha Pawagi, livro que foi trabalhado para a montagem da peça teatral, sessão de cinema com as crianças, com direito a pipoca e discussão sobre o enredo do livro. Depois do filme as crianças interagiram demonstrando interesse pelo personagem que queriam fazer. Muito dos alunos preferiram incrementar personagens de sua cultura local. Foi acrescentado o capoeirista, o caboclo de lança, a Maria Bonita, o saci, a índia, a rainha do Congo. As dificuldades de interação já não prejudicavam mais, os alunos agora se mostravam muito à vontade e foi aí que conseguimos visualizar as personalidades, e aspectos sociais e cognitivos que refletiam.

Em seguida, o foco no jogo de atenção, telefone sem fio e improvisação de personagens sociais. Na expectativa de trabalhar os comandos, espera, escuta, cooperação e desenvoltura na interpretação e trazer personagens reais e representativos dos seus contextos sociais para a improvisação por meio da mímica; foi possível classificar os alunos mais retraídos e os que se sobressaíam na turma, lidando com o corpo e com a fala. Esta atividade exigiu bastante esforço para manter a ordem e colaboração, os alunos se sentiam muito a vontade para expressar-se e também para brigarem durante as discussões dos temas, a intolerância entre eles marcava o “clima” da turma. Ferreira e Falkembach diz que: “O jogo do telefone sem fio é produtivo ao demonstrar as dificuldades de escuta no trabalho em grupo e a necessidade de desenvolver a concentração e a atenção para a compreensão das propostas dos colegas.” (2012, p.39)

Continuamos os encontros e dessa vez girou em torno da oralidade: ouvir, dialogar, contar e narrar dentro do tema *bullying*, juntamente com o jogo com objetos imaginários propostos por Viola Spolin. Os alunos tiveram que conduzir uma bola muito sensível que poderia estourar com muita facilidade segundo a nossa narração, os desafios e empecilhos surgiam para que o aluno pudesse adentrar naquela cena imaginária, carregando a bola até entregá-la intacta ao parceiro seguinte.

A bola imaginária simbolizava os sentimentos gerados pela situação do *bullying*, que a cada pessoa que passava aumentava de tamanho, ou seja, o sentimento daquela pessoa ao vivenciar a situação era depositado dentro da bola. No fim a bola estava intacta, porém muito maior do que no início. A partir desse momento lúdico foi feito uma reflexão de cada sentimento presente numa situação de bullying e das diferentes formas que as pessoas têm de lhe dar e expressar esses sentimentos. Os alunos participaram ativamente relatando situações próprias deles. O momento se tornou muito rico em oportunidade para compartilhar as emoções e mostrar a importância de expor nossos sentimentos. Por fim, os alunos fizeram suas próprias definições do que era o *bullying*.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na presente pesquisa procuramos evidenciar as práticas teatrais fundamentadas numa perspectiva pedagógica e suas consequências na formação integral do indivíduo. Entretanto, propor uma metodologia lúdica, pertinente, embasada e eficaz nas práticas de ensino é um desafio ao profissional da educação. Requer pesquisa, conhecimento, esforço e tempo.

Viemos por meio da fusão entre as práticas teatrais e sua produção de conhecimento humano, sugerir uma concepção inovadora e interdisciplinar de formas de ensinos voltadas à arte, ao lúdico, aos valores e éticas. Proporcionando uma experiência individual que permite entrar em contato com suas potencialidades pessoais e capacidades de trabalhos em grupo.

Sem dúvida, como qualquer atividade realizada no cotidiano que tem suas características atreladas ao lazer, o teatro pôde ser considerado como uma experiência poliforma, e isso significa que a experiência assim construída e vivida pôde possibilitar o encontro de aprendizagens.

Dentro de um contexto de escola pública, pouco favorecida e recursos escassos foi desenvolvido um trabalho voltado para a construção\reconstrução do individual, da criticidade, expressividade e aceitação dos indivíduos.

Para isso, foi preciso um olhar diferenciado para os alunos, valorizando suas habilidades, sua bagagem de letramento, o seu contexto social e experiências de vida. No entanto, a desvalorização dos profissionais que não enxergam a aprendizagem dentro de um eixo complexo composto por aspecto diversos se restringe a um conhecimento estagnado, ou podemos dizer, retrocedido.

**REFERÊNCIAS**

CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica.** R.cient./FAP, Curitiba, V.3, p.39-52, jan./dez. 2008.

FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

LIMAVERDE, Patricia**. Pedagogia ecossistêmica**: educação transdisciplinar da Escola Vila. Fortaleza: Editora da Vila, 2015.

MARINHO, Herminia Regina Bugeste. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Ibpex, 2007.

MARTINS, Antônio Pereira**. O Teatro como possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem para a educação de jovem e adultos – EJA.** Monografia. 41 f. Instituto de Artes - IDA Departamento de Artes Cênicas - CEN Programa

(Pró-Licenciatura em Teatro) Brasília-DF- Universidade de Brasília– UNB, Brasília, 2013.

MENGA, Ludke; MARLI, E. D. A. André. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NICOLESCU, BASARAB. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 2 ed. São Paulo: Triom, 2001..

Spink, M. J., Menegon, V. M., & Medrado, B. (2014). **Oficinas como estratégia e aplicações ético-políticas.** Psicologia & Sociedade, 26(1), 32-43.

1. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte. adriele845pereira@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte. jennynhalg@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Coordenadora do subprojeto de pesquisa de Pedagogia Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Doutora em Educação e Professora na Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte. fatimamaria18@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Supervisora do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco e Professora de Atendimento Educacional Especializado. beteprofa@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)